

190				
			1615	

sociedade

500 anos de quê, cara pálida?

Tribo paulistana comandada por uma cacique não tem motivos para comemorar os cinco séculos do Descobrimento do Brasil

Aeuforia em torno dos 500 Anos do Descobrimento fez renascer a paixão nacional pelos índios. Mas a recíproca não é verdadeira. Enquanto imagens estilizadas dos primeiros habitantes das Américas ganham cada vez mais espaço nos meios artísticos e publicitários, na vida real os indígenas continuam confinados à miséria e ao desamparo, que foi o que lhes sobrou após cinco séculos da chegada de Pedro Álvares Cabral à costa brasileira. Nem é preciso ir aos confins da Amazônia para se constatar essa realidade. A menos de 20 quilômetros do Centro de São Paulo, uma aldeia guarani com cerca de cem habitantes sobrevive a duras penas, recorrendo à caridade da vizinhança para comer, e lutando contra aqueles que, ainda hoje, tentam roubar-lhes as terras. O povoado fica próximo ao Pico do Jaraguá, em Pirituba. Apesar de considerada reserva indígena desde 1983, a área nunca esteve livre da ameaça de invasores.

“Para nós, os 500 Anos nada significam, a não ser a data em que invadiram nossas posses. Até para morar aqui, confinados, precisamos brigar”, reclama Jandira Augusta Vinícius, de 66 anos, que se orgulha de ser “a única

cacique mulher do Brasil” – posição que ocupa desde a morte do marido, em 1989. Jandira é chamada de Keretxu, nome indígena que significa “mãe de todos”. Nada mais apropriado, pois a maioria dos moradores é composta por filhos (13), netos (38) e bisnetos (4) da cacique. Os demais são parentes que vieram de Itanhaém, Litoral Sul, região de origem de toda a tribo.

Além do sangue e das tradições, os índios paulistanos têm em comum o fato de estarem todos desempregados. “A maioria não sabe ler nem escrever. Então, fica difícil”, justifica Mário, de 50 anos, filho de Jandira, que possui experiência em carpintaria, mas, como os demais, não consegue trabalho. Sem ter muitas opções de sustento, os índios se entregam à produção de artesanato, que vendem em feiras, praças e eventos. “Só passamos bem no Natal e no Dia do Índio (19 de abril), quando o pessoal traz alimentos e outras coisas. No resto do ano, é só aperto, porque das cestas que a Funai (Fundação Nacional do Índio) manda, não se aproveita nada”, diz a



Cacique Jandira: “Há 500 anos invadiram nossas posses”

cacique, que vem buscando doações para substituir os barracos de madeira por casas de sapé e pau-a-pique. “Do jeito que está, parece mais uma favela do que uma aldeia”, lamenta.

Mesmo com tantas dificuldades, os índios de Pirituba não abrem mão de preservar suas tradições. Todos, até mesmo as crianças, falam fluentemente o guarani e participam das pajelanças e cultos religiosos na opyr (casa de reza), que fica no meio da aldeia. José Fernando Soares, de 59 anos, é o pajé oficial da tribo há 30. Todos os dias, às 18h, ele se desloca de sua casa, isolada do resto, para realizar o culto na opyr. Conhecido por Cará Poty, ele está sempre munido de seu cachimbo de madeira, pronto para receitar ervas e chás aos que adoecem. Ele reconhece, no entanto, que nem sempre sua secular ciência funciona. “Quando é grave, mando para o médico do homem branco”, revela. ♦

João Paulo Soares